

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

GÊNERO, HISTÓRIA DAS MULHERES E FEMINISMOS

Daniele Gallindo-Gonçalves
Universidade Federal de Pelotas

Marcelo Pereira Lima
Universidade Federal da Bahia

O dossiê intitulado *Gênero, História da Mulheres e Feminismos* conta com 6 (seis) artigos elaborados por pesquisadoras(es) e professoras(es) de diversas universidades brasileiras distribuídas nas regiões norte, sul, sudeste e nordeste (UFSM, UNEB, UNIFESP, UCS, UFPel, UFBA e a Universidade Estácio de Sá).

Intitulado ***Como se fabrica um homem do mar? Considerações sobre as masculinidades no meio homosocial da pirataria moderna (séculos XVII e XVIII)***, o artigo foi escrito por Camila Acosta Queiroz, mestranda em História pelo PPGH da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e bolsista CAPES. O objetivo principal do trabalho é analisar os grupos de piratas que atuaram no Atlântico entre a segunda metade do século XVII e início do século XVIII. A autora se apropria de parâmetros dos Estudos de Gênero e da História das Sexualidades, priorizando a análise do primeiro volume da edição inglesa da obra *A General History of the Pyrates, datada de 1724*. Ela ancora sua perspectiva em autoras tais como Marcus Rediker, Peter Linebaugh, Lauren Benton, Barry Richard Burg, Hans Turley, Raewyn Connell e, por fim, Joan W. Scott (1995).

O segundo artigo é assinado por Dayse Vieira Quinto, mestra em História pela Universidade Estadual da Bahia e professora da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, e tem como título ***“Dona-de-casa x empregada”: os conceitos***

de trabalho doméstico a partir do Brasil. O trabalho foca na investigação do contexto social brasileiro através de discussões conceituais sobre o trabalho doméstico no âmbito do capitalismo contemporâneo. O artigo problematiza o processo de deslocamento do trabalho doméstico das mulheres brancas às mulheres negras no Brasil. Para tanto, a autora parte de uma perspectiva que combina os Estudos Feministas e as teorizações marxistas sobre o tema. Entre diversas autorias, ela se apropria das discussões de obras de Selma James, Mariarosa Dalla Costa e Heleieth Saffioti, publicadas nas décadas de 1970 e 1980, bem como recorre igualmente aos relatórios elaborados pelas associações de domésticas brasileiras na década de 1980.

“Vivências domésticas e práticas matrimoniais na freguesia da Sé, São Paulo, 1830-1870”: eis o título do terceiro artigo deste dossiê assinado por Gabriela Bernardes Andrade, mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e bolsista FAPESP (2021-2023). O artigo analisa as práticas matrimoniais entre livres e libertos na Freguesia da Sé da cidade de São Paulo, entre as décadas de 1830 e 1870, especialmente através dos processos de divórcio presentes nos registros paroquiais. Além de delinear os perfis sociodemográficos dos nubentes da referida Sé, ela ainda discorre sobre a dinâmica das escolhas conjugais, os espaços domésticos, as relações vicinais e a articulação disso com as estratégias familiares e a dinâmica das conjugalidades firmadas, como aponta a autora, em “cenário onde o casamento representava, sobretudo, uma forma de se fazer alianças políticas e econômicas”.

O campo da História Oral, embora focando na temática dos movimentos feministas, é aventado pelas autoras Katani Maria Monteiro Ruffato, doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e docente do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado e Doutorado Profissional) da Universidade de Caxias do Sul, e por Rúbia Hoffmann Ribeiro, graduada em História pela Universidade de Caxias do Sul. O título do artigo intitula-se ***“Nós precisamos estar nos lugares de decisão”:*** ***vozes do movimento feminista em Caxias do Sul (1982- 2003).*** Nele, as autoras analisam os diversos aspectos da história dos movimentos feministas em Caxias do Sul, no

Rio Grande do Sul, enfatizando especialmente as trajetórias de oito militantes da União Caxiense de Mulheres (UMCA) e da União Brasileira de Mulheres – seção Caxias do Sul (UBM). Tais trajetórias, segundo as autoras, foram (re)construídas a partir de uma perspectiva do campo da História Oral, o que permitiu realizar reflexões críticas sobre as principais dificuldades, demandas, tendências e estratégias dos feminismos em Caxias do Sul no período estudado.

O penúltimo artigo é assinado pela autora Maria Clara Lysakowski Hallal, doutora em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e pesquisadora do Laboratório de Política e Imagem (LAPI UFPel). No artigo, intitulado ***Narrativas visuais de trabalhadoras de São Paulo (1940): perspectivas fotográficas de Hildegard Rosenthal***, Maria Clara dedica-se ao estudo dos registros e narrativas visuais de uma fotógrafa imigrante, Hildegard Rosenthal, sobre as mulheres trabalhadoras que ocupavam a cidade de São Paulo em 1940. A autora concentra sua atenção analítica sobre as fotografias hildergardianas a partir da metodologia proposta por Augusto Pieroni. Para a autora, as narrativas visuais da fotógrafa suíça produziram imagens diversificadas, embora ainda assim elitistas, das mulheres que ocupavam a urbe paulistana no período.

Por fim, mas não menos importante, temos o artigo "***A presença de Maria Felipa num processo judicial em Itaparica, Bahia, 1834***", escrito por Milton Moura, membro do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, e por Felipe Peixoto Brito, graduando em História na Universidade Estácio de Sá (EAD). O artigo não é uma biografia tradicional de Maria Felipa. Pelo contrário, trata-se de uma análise dos autos do Processo Crime que investigou e julgou supostos atos de agressão física ocorridos na Vila de Itaparica em 1834. O documento possui quinze folhas, está incompleto e encontra-se depositado no Arquivo Público do Estado da Bahia, Seção Judiciária, 33/1381/13. Através do método prosopográfico, os autores buscaram identificar se Maria Felipa obteve a prisão do seu agressor e conseguiu a vitória parcial em um Tribunal de Jurados. Ainda que tomando os cuidados necessários para lidar metodologicamente com esse tipo de fonte normativa, o artigo discutiu os limites da agência, da historicidade e da singularidade dessa personagem, que, como

dizem os próprios autores, “tem sido evidenciada nas comemorações e discussões acerca da participação da Bahia – e, no caso, da Ilha de Itaparica – no processo das lutas pela independência”.

Antes de finalizar essa apresentação, gostaríamos de agradecer as contribuições de tod@s as(os) autoras(es) reunidas(os) nesse dossiê. Cada um(a) a seu modo, contribuiu para dar maior visibilidade e dizibilidade a essas temáticas ligadas às (des)articulações entre gênero, história das mulheres e/ou feminismos. Desejamos a tod@s uma ótima leitura!